

## LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO E ABATE DE SUÍNOS - LSPS

Metodologia Abipecs-Embrapa de previsão e  
acompanhamento da suinocultura brasileira



## **República Federativa do Brasil**

*Luiz Inácio Lula da Silva*

Presidente

## **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**

*Roberto Rodrigues*

Ministro

## **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-Embrapa**

### **Conselho de Administração**

*Luis Carlos Guedes Pinto*

Presidente

*Sílvio Crestana*

Vice-Presidente

*Alexandre Kalil Pires*

*Cláudia Assunção dos Santos Viegas*

*Ernesto Paterniani*

*Hélio Tollini*

Membros

### **Diretoria-Executiva da Embrapa**

*Sílvio Crestana*

Diretor-Presidente

*José Geraldo Eugênio de França*

*Kleper Euclides Filho*

*Tatiana Deane de Abreu Sá*

Diretores-Executivos

### **Embrapa Suínos e Aves**

*Elsio Antonio Pereira de Figueiredo*

Chefe-Geral

*Jerônimo Antônio Fávero*

Chefe-Adjunto de Comunicação e Negócios

*Claudio Bellaver*

Chefe-Adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento

*Dirceu Benelli*

Chefe-Adjunto de Administração

## **Documentos 104**

# **LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO E ABATE DE SUÍNOS - LSPS**

**Metodologia Abipecs-Embrapa de previsão e  
acompanhamento da suinocultura brasileira**

**Marcelo Miele  
Jurandi Soares Machado**



---

*Associação Brasileira da Indústria Produtora e  
Exportadora de Carne Suína*



---

*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

*Concórdia, SC  
2006*

Projeto financiado pela Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína - Abipecs

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

**Embrapa Suínos e Aves**

Caixa Postal 21  
89.700-000, Concórdia, SC  
Telefone: (049) 34410400  
Fax: (049) 34428559  
<http://www.cnpsa.embrapa.br>  
[sac@cnpsa.embrapa.br](mailto:sac@cnpsa.embrapa.br)

**Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína - Abipecs**

Av. Brigadeiro Faria Lima, 1912 - 20º andar - Conjunto I - Jardim Paulistano  
01.451-907 - São Paulo, SP  
Telefone: (11) 3093-2737  
Fax.: (11) 3093-2738  
<http://www.abipecs.org.br>  
e-mail: [abipecs@abipecs.org.br](mailto:abipecs@abipecs.org.br)

**Comitê de Publicações da Unidade:**

**Presidente:** *Jerônimo Antonio Fávero*

**Membros:** *Claudio Bellaver*

*Cícero J. Monticelli*

*Gerson N. Scheuermann*

*Airton Kunz*

*Valéria M. N. Abreu*

**Suplente:** *Arlei Coldebella*

**Revisão técnica:** *Cícero J. Monticelli, Arlei Coldebella, Franco M. Martins*

**Coordenação editorial:** *Tânia Maria Biavatti Celant*

**Normalização bibliográfica:** *Irene Z.P. Camera*

**Editoração eletrônica:** *Vivian Fracasso*

**Foto da capa:** *Gustavo J.M.M. de Lima*

**Tiragem:** 2.000 unidades

**Todos os direitos reservados.**

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n.º 9.610).

---

Miele, Marcelo.

Levantamento Sistemático da Produção e Abate de Suínos – LSPS: metodologia Abipecs – Embrapa de previsão e acompanhamento da suinocultura brasileira / por Marcelo Miele e Jurandi Soares Machado. Concórdia: Embrapa Suínos e Aves, 2006.

27p.; 29 cm. (Documentos / Embrapa Suínos e Aves, ISSN 0101-6245;104).

1. Suíno – produção – acompanhamento – metodologia. 2. Suíno – abate – acompanhamento – metodologia. 3. Suinocultura – desenvolvimento – Brasil.

I. Machado, Jurandi Soares. II. Título. III. Série.

CDD 636.41

---

© Embrapa 2006

## **Autores**

### **Marcelo Miele**

Economista, M.Sc.  
Pesquisador II  
Embrapa Suínos e Aves  
mmiele@cnpsa.embrapa.br

### **Jurandi Soares Machado**

Diretor de Mercado Interno Abipecs  
Associação Brasileira da Indústria Produtora  
e Exportadora de Carne Suína - Abipecs  
jurandi@abipecs.org.br

## Sumário

1. Introdução .....	07
2. Objetivo.....	08
3. Periodicidade e abrangência geográfica.....	08
4. Variáveis de investigação.....	08
5. Processo de coleta dos dados.....	09
6. Crítica e processamento dos dados.....	11
7. Cronograma e divulgação dos resultados.....	13
8. Dados obtidos através da metodologia.....	13
9. Confronto dos dados obtidos com as estatísticas oficiais.....	19
10. Considerações para os anos de 2006 e 2007.....	20
11. Bibliografia.....	22
Anexo I – Questionário para as empresas associadas à Abipesc	23
Anexo II – Fontes oficiais de abate e produção de carne suína no Brasil	26

# LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO E ABATE DE SUÍNOS - LSPS

## Metodologia Abipecs-Embrapa de previsão e acompanhamento da suinocultura brasileira

---

Marcelo Miele  
Jurandi Soares Machado

### 1. Introdução

A cadeia produtiva de carne suína no Brasil apresenta um dos melhores desempenhos econômicos no cenário internacional, com um aumento expressivo nos volumes e valores produzidos e exportados. Esse desempenho se deve aos avanços tecnológicos e organizacionais das últimas décadas. Apesar disso, verifica-se ao longo desse desenvolvimento movimentos cíclicos de expansão e retração nos volumes e na lucratividade, sobretudo no elo de produção de suínos, com destaque para a crise verificada no período entre 2002 e 2003. Nesse sentido, os diversos agentes que compõem a cadeia produtiva têm discutido a necessidade de implementar mecanismos de coordenação para adequar os volumes ofertados à demanda interna e externa. Um desses mecanismos é a geração, disponibilização e utilização de dados e informações acerca da produção atual e futura de suínos para o abate e de carne suína para o consumo interno e a exportação. Nesta discussão e na articulação dos agentes assume papel central a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Milho e Sorgo, Aves e Suínos.

O presente documento apresenta uma metodologia de Levantamento Sistemático da Produção e Abate de Suínos (LSPS) no Brasil, para suprir a demanda por informações para a gestão da cadeia produtiva da carne suína. Tem como base as ações em curso desenvolvidas pela Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (Abipecs), em conjunto com a Embrapa Suínos e Aves e diversas organizações de representação nas principais regiões produtoras. Dada a diversidade dessa atividade e de atores envolvidos, cabe destacar nesta introdução que o processo adotado leva em conta a estrutura organizacional predominante em cada região e, também, se pauta por uma filosofia de trabalho conjunto com todas as organizações de representação e apoio da cadeia produtiva, a fim de evitar duplicação de esforços. A elaboração da presente metodologia ocorreu sob o patrocínio do contrato de cooperação técnica<sup>1</sup> entre a Abipecs e a Embrapa Suínos e Aves e se baseou na Série Relatórios Metodológicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que descrevem as pesquisas agropecuárias daquele instituto (IBGE, 2002), com destaque para o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA). Por fim, destaca-se que o

---

<sup>1</sup> Contrato de Cooperação Técnica n.º 21000.05/0010-0, publicado no Diário Oficial da União em 15/09/2005.

desenvolvimento desta metodologia foi apontada como demanda no Comitê Assessor Externo (CAE) da Embrapa Suínos e Aves, traduzindo-se em linha prioritária do Plano Diretor da Unidade - PDU 2004-2007 (Embrapa Suínos e Aves, 2005).

## **2. Objetivo**

O LSPS é uma pesquisa de previsão e acompanhamento conjuntural da suinocultura brasileira, que tem como objetivo fornecer estimativas dos abates e da produção de carne suína, a partir do alojamento de matrizes, da sua produtividade e do peso médio da carcaça.

## **3. Periodicidade e abrangência geográfica**

A pesquisa é realizada nos meses de março, junho e outubro de cada ano e abrange as oito principais Unidades da Federação (UFs) produtoras e processadoras de suínos<sup>2</sup>, são elas: Goiás (GO); Mato Grosso (MT); Mato Grosso do Sul (MS); Minas Gerais (MG); Paraná (PR); Rio Grande do Sul (RS); Santa Catarina (SC) e; São Paulo (SP). Além disso, a pesquisa é complementada para as demais UF's com estimativas feitas a partir dos dados do Censo Agropecuário de 1996.

## **4. Variáveis de investigação**

A coleta dos dados ocorre através do levantamento de três variáveis:

- alojamento de matrizes em número de cabeças<sup>3</sup>;
- produtividade das matrizes em terminados/porca/ano<sup>4</sup> e;
- peso médio da carcaça em kg<sup>5</sup>.

A partir do levantamento dessas variáveis, estima-se:

- volume de abate em número de cabeças e;
- a produção de carne suína em toneladas.

---

<sup>2</sup> Essas oito UF's representaram em 2005 cerca de 86% do abate de suínos e 90% da produção brasileira de carne suína.

<sup>3</sup> Não inclui aquelas em fase de crescimento, ainda não produtivas, que representam cerca de 5% do total.

<sup>4</sup> Ou abatidos/porca/ano, é um valor inferior ao de nascidos/porca/ano devido à mortalidade de leitões.

<sup>5</sup> Representa cerca de 71% do peso do animal vivo.

## 5. Processo de coleta dos dados

A pesquisa é realizada por UF e considera as peculiaridades regionais, de organização da cadeia produtiva<sup>6</sup> e de intensidade tecnológica do suinocultor<sup>7</sup>. O processo de coleta dos dados baseia-se em reuniões nas UFs com os seguintes participantes:

- dirigentes, técnicos e membros das associações nacional e estaduais de suinocultores;
- dirigentes, técnicos e membros dos sindicatos estaduais das indústrias processadoras de carne suína;
- dirigentes e técnicos das indústrias e cooperativas processadoras de carne suína e;
- outros atores da cadeia produtiva como representantes comerciais de empresas de genética animal.

Nessas reuniões segue-se um roteiro padrão de:

- 1) apresentação dos dados anteriormente coletados;
- 2) revisão e validação desses dados para o ano em curso;
- 3) estimativa dos dados para os próximos dois anos e;
- 4) apresentação de cenários futuros como fechamento do processo e consolidação de um conhecimento comum aos presentes.

O agendamento das reuniões é centralizado pela Abipecs mas conta com fundamental auxílio dos atores regionais.

A base para o início das reuniões são os dados já existentes, os quais são oriundos de quatro tipos de fontes apresentadas na Tabela 1, quais sejam:

- relatórios mensais dos sindicatos das agroindústrias processadoras de carne suína nas três UFs da região Sul, contemplando o conjunto dos produtores integrados;

---

<sup>6</sup> Do ponto de vista das diferentes formas de organização da cadeia produtiva utiliza-se nesta metodologia a separação entre suinocultores integrados e independentes. Entende-se por integrado aquele que é vinculado à agroindústria sob a forma de contrato. Por outro lado, entende-se por produtor independente aquele que compõe o conjunto dos não integrados. Também se inclui nesse item aqueles produtores ou comerciantes que adquirem de terceiros para posterior engorda ou venda. Estes são denominados no setor como mini-integradores.

<sup>7</sup> Do ponto de vista da intensidade tecnológica do suinocultor utiliza-se nesta metodologia a separação entre suinocultura industrial e de subsistência. Entende-se por suinocultura industrial o conjunto de produtores tecnificados (integrados ou independentes), ou seja, que incorporam os avanços tecnológicos em genética, nutrição, sanidade e demais aspectos produtivos. Entende-se por suinocultura de subsistência o conjunto de produtores não tecnificados, ou seja, que não incorporaram os avanços tecnológicos e, para os quais, a produção de suínos é destinada ao auto consumo ou acessa de forma marginal os canais de processamento e distribuição da cadeia produtiva.

- cadastros mantidos pelas associações estaduais de suinocultores com listas de produtores independentes<sup>8</sup>;
- cadastros mantidos pelas empresas fornecedoras de genética animal e;
- Censo Agropecuário de 1996 (IBGE).

**Tabela 1.** Fontes de dados por UF e tipo de suinocultura

UF	Suinocultura industrial (tecnificados)		Suinocultura de subsistência (não tecnificados)
	Integrados	Independentes e mini-integradores	
GO	Perdigão (unidade de Rio Verde), Persa e Dalland/Comigo	AGS <sup>9</sup> e Riber Gen – Genética Suína com base em cadastro da Agrodefesa <sup>10</sup>	Censo Agropecuário de 1996
MG	Sadia (unidade de Uberlândia) e Suico	Asemg <sup>11</sup> , Integral, DanBred, PifPaf e Saudali	Censo Agropecuário de 1996
MS	Aurora (São Gabriel do Oeste) e Seara (Dourados)	Asumas <sup>12</sup> e empresas de genética e nutrição	Censo Agropecuário de 1996
MT	Perdigão (Nova Mutun), Carrol's (Diamantino) e Coagril (Rio Verde)	Acrimat <sup>13</sup> e empresas de genética e nutrição	Censo Agropecuário de 1996
PR	Sindicarnes-PR, Ocepar <sup>14</sup> e empresas associadas	APS <sup>15</sup>	Censo Agropecuário de 1996
RS	SIPS-RS <sup>16</sup> e associados	Acsurs <sup>17</sup>	Censo Agropecuário de 1996
SC	Sindicarnes-SC <sup>18</sup> e empresas associadas	ACCS <sup>19</sup>	Censo Agropecuário de 1996
SP	Raja	APCS <sup>20</sup> e empresas de genética e nutrição	Censo Agropecuário de 1996
Outros		ASPE, ASCE, ASES, Acsurj <sup>21</sup> e Censo Agropecuário de 1996	Censo Agropecuário de 1996

<sup>8</sup> A situação é bastante heterogênea entre as UFs, com dados disponibilizados por município (em GO, mas é possível obter-se a lista individualizada por granja); por granja com contato telefônico (em SC) ou apenas para o conjunto da UF de forma agregada (no RS).

<sup>9</sup> Associação Goiana de Suinocultores (AGS).

<sup>10</sup> Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa), vinculada à Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, cadastro ainda em papel.

<sup>11</sup> Associação dos Suinocultores do Estado de Minas Gerais (Asemg).

<sup>12</sup> Associação Sul Matogrossense de Suinocultores (Asumas).

<sup>13</sup> Associação dos Produtores de Suínos do Mato Grosso (Acrimat).

<sup>14</sup> Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado do Paraná (Sindicarnes-PR) e Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar).

<sup>15</sup> Associação Paranaense de Suinocultores (APS).

<sup>16</sup> Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos no Estado do Rio Grande do Sul (SIPS-RS).

<sup>17</sup> Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul (Acsurs).

<sup>18</sup> Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Santa Catarina (Sindicarnes-SC).

<sup>19</sup> Associação Catarinense de Criadores de Suínos (ACCS).

<sup>20</sup> Associação Paulista de Criadores de Suínos (APCS).

<sup>21</sup> Associação dos Suinocultores de Pernambuco (ASPE), Associação dos Suinocultores do Ceará (ASCE), Associação de Suinocultores do Espírito Santo (ASES) e Associação de Criadores de Suínos do Rio de Janeiro (Acsurj).

Com base nos dados obtidos em reuniões anteriores e nas fontes acima apresentadas, parte-se para uma avaliação de caráter qualitativo para definir os resultados para o ano em curso (ano t) e para os dois anos subsequentes (anos t+1 e t+2). Nessa etapa tenta-se chegar a um consenso acerca dos dados da suinocultura industrial (tecnificados integrados ou tecnificados não integrados). Os valores para a suinocultura de subsistência (não tecnificados) são obtidos a partir de uma taxa de redução anual sobre os resultados do Censo Agropecuário de 1996 (Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína – Abipecs, 2004 e 2005).

Essa avaliação qualitativa busca dos participantes nas reuniões um ajuste de sensibilidade, com base em conhecimento prático e vivência de campo. São debatidos temas como expectativas e percepções dos produtores no médio prazo, decisões entre investimentos em novos alojamentos ou apenas reposição de matrizes, intensificação tecnológica, projetos em elaboração ou em implementação que aumentarão a capacidade instalada (seja em instalações pecuárias ou em plantas industriais) e outros temas relacionados.

Os valores obtidos a partir do consenso dos presentes são inseridos em uma planilha eletrônica para cada UF, conforme Tabela 2 a seguir.

**Tabela 2.** Modelo de planilha para inserção dos dados obtidos por UF

Ano	Matrizes (cabeças)			Produtividade (abatidos/porca/ano)		Abates (cabeças)			Peso médio da carcaça (kg)	Produção de carne (mil t)
	Industr.	Subs.	Total	Industr.	Subs.	Industr.	Subs.	Total		
ano t-2 (a)										
ano t-1 (a)										
ano t (b)	M1	M2	M = M1 + M2	P1	P2	A1 = M1 x P1	A2 = M2 x P2	A = A1 + A2	PM	PC = A x PM
ano t + 1 (c)										
ano t + 2 (c)										

a – dados definitivos, b – estimativa; c - preliminar

Além das reuniões e das fontes acima apontadas, a Abipecs está iniciando a coleta de dados sistematizados junto às 34 empresas associadas, através de um instrumento formal mensal. Este instrumento do tipo questionário encontra-se no Anexo I.

## 6. Crítica e processamento dos dados

Um princípio básico desta pesquisa é reunir evidências provenientes de duas ou mais fontes, o que permite a triangulação de dados para se chegar a resultados convergentes entre os respondentes. Assim, a cada reunião busca-se questionar os resultados obtidos nas demais, bem como confrontar os dados entre as diferentes fontes.

Também é feita uma crítica qualitativa sobre os dados e resultados obtidos. Para tanto, são calculadas as variações entre os valores do ano anterior (t-1), do ano em curso (t) e dos anos subsequentes (t+1 e t+2). Essas informações são comparadas para que sejam detectadas diferenças discrepantes. Nesses casos volta-se à discussão para obter outro valor de consenso.

A partir do levantamento acima e efetuadas as críticas, calcula-se o volume de abate (em número de cabeças) e a produção de carne suína (em toneladas), para cada UF, conforme apontado na Tabela 2 e memória de cálculo a seguir.

**Abates Totais (A)** = abates oriundos das matrizes industriais (A1) + abates oriundos das matrizes de subsistência (A2)

**A1** = número de matrizes industriais (M1) x produtividade das matrizes industriais (P1)

**A2** = número de matrizes de subsistência (M2) x produtividade das matrizes de subsistência (P2)

**Produção de Carne (PC)** = abates totais (A) x peso médio da carcaça (PM)

Por fim, ao término do ano em curso (t), as estimativas obtidas para os abates totais e produção de carne são confrontados com os dados oficiais dos abates inspecionados pelo SIF/Dipoa<sup>22</sup>, e disponibilizados tanto pelo Mapa quanto que pelos sindicatos das agroindústrias processadoras de carne suína nas três UFs da região Sul<sup>23</sup>.

O aspecto mais importante do processo adotado é que ele se estrutura a partir de uma rede de informantes, inicialmente através de contatos pessoais, que vem se institucionalizando e estabelecendo rotinas trimestrais. Nesse sentido, acredita-se que ainda se deva avançar em três aspectos. O primeiro deles é a adoção de alguns dos princípios da técnica Delphi (Wright & Giovinazzo, 2000)<sup>24</sup> como manter memória de todas as opiniões apresentadas nas reuniões, realizar posteriormente um tratamento estatístico simples com o cálculo da mediana e dos quartis<sup>25</sup> e remeter aos participantes um *feedback* das respostas obtidas nas diversas reuniões para reavaliação nas rodadas subseqüentes. Além disso, sugere-se que sejam produzidas estimativas por reunião, para posterior agregação em um relatório por UF, sobretudo em função da heterogeneidade dos participantes e da realidade que estão retratando<sup>26</sup>. Por fim, sugere-se uma atuação cooperativa junto às associações nacional e estaduais de suinocultores para melhorar ou desenvolver um cadastro de produtores independentes, o qual complementaria os dados disponibilizados pelas agroindústrias integradoras.

---

<sup>22</sup> Serviço de Inspeção Federal (SIF), do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (DIPOA), da Secretaria de Defesa Agropecuária (SDA), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

<sup>23</sup> Sindicarnes-PR, Sindicarnes-SC e SIPS-RS.

<sup>24</sup> A técnica Delphi não se aplica aos objetivos aqui propostos, mas isso não impede que se possa utilizar alguns dos seus preceitos.

<sup>25</sup> A mediana é uma medida mais indicada do que a média quando há grande liberdade de opções. Por sua vez, o cálculo dos quartis permite uma avaliação do grau de convergência das respostas.

<sup>26</sup> É significativo o exemplo ocorrido durante as reuniões realizadas em junho de 2005. Verificou-se diferenças significativas entre os dados obtidos na reunião em Estação e em Três Passos, ambas no RS, sobretudo no que tange o peso da carcaça. Entretanto, as opiniões foram incorporadas em um relatório único do RS, sem que se possa *a posteriori* ter uma memória das diferenças apontadas.

## **7. Cronograma e divulgação dos resultados**

### *Março ano t*

- revisão dos dados da reunião anterior;
- estimativa dos dados para o ano t (matrizes alojadas até março do ano t geram produção no mesmo ano);
- estimativa dos dados para o ano t + 1 (matrizes alojadas entre abril do ano t e março do ano t + 1);
- estimativa dos dados para o ano t + 2 (matrizes alojadas entre abril do ano t + 1 e março do ano t + 2).

### *Junho ano t*

- revisão dos dados da reunião realizada em março do ano t;
- estimativa dos dados para o ano t + 1 (matrizes alojadas entre abril do ano t e março do ano t + 1);
- estimativa dos dados para o ano t + 2 (matrizes alojadas entre abril do ano t + 1 e março do ano t + 2);
- discussão dos resultados dos anos t, t + 1 e t + 2 no Conselho da Abipecs;
- divulgação pública dos resultados do ano t.

### *Outubro ano t*

- revisão dos dados da reunião realizada em junho do ano t;
- estimativa dos dados para o ano t + 1 (matrizes alojadas entre abril do ano t e março do ano t + 1);
- estimativa dos dados para o ano t + 2 (matrizes alojadas entre abril do ano t + 1 e março do ano t + 2);
- discussão dos resultados dos anos t, t + 1 e t + 2 no Conselho da Abipecs;
- divulgação pública dos resultados do ano t e ano t + 1.

### *Dezembro ano t*

- confronto das estimativas de abate de suínos e produção de carne suína com os dados oficiais dos abates inspecionados pelo SIF/Dipoa.

## **8. Dados obtidos através da metodologia**

A partir da metodologia aqui descrita foram levantados dados para o ano de 2005 (t) e previsões para os anos de 2006 e 2007 (t + 1 e t + 2). Além disso, apresenta-se os dados levantados em anos anteriores, para o período entre 2002 e 2004. Esses dados estão desagregados por tipo de cadeia produtiva (suinocultura industrial e de subsistência) e por UF (GO, MG, MS, MT, PR, RS, SC, SP e OUTROS), conforme Tabelas 3 a 17 a seguir.

**Tabela 3.** Alojamento de matrizes produtivas na suinocultura industrial, em cabeças

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	45.437	49.907	53.907	58.936	62.548	63.536
MG	202.492	145.794	145.794	151.106	157.428	166.968
MS	43.491	41.491	42.641	43.241	43.941	44.806
MT	37.992	43.992	46.492	60.118	61.784	65.654
PR	300.000	272.316	229.359	233.196	237.017	238.706
RS	270.809	254.560	245.696	255.709	275.409	284.159
SC	418.583	377.019	362.616	363.781	383.649	384.788
SP	126.697	114.027	114.027	112.000	112.000	112.000
OUTROS	150.414	136.066	133.549	128.039	141.756	143.504
<b>BRASIL</b>	<b>1.595.915</b>	<b>1.435.172</b>	<b>1.374.081</b>	<b>1.406.126</b>	<b>1.475.532</b>	<b>1.504.121</b>

**Tabela 4.** Produtividade das matrizes na suinocultura industrial, em terminados/porca/ano

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	20,0	22,0	22,0	22,5	23,0	23,0
MG	18,5	18,0	18,0	21,5	22,5	23,0
MS	19,0	20,0	20,0	21,0	21,0	21,0
MT	20,0	21,0	21,0	21,0	22,0	22,5
PR	18,0	19,0	20,0	20,5	21,0	21,5
RS	18,2	19,5	19,5	20,5	21,5	21,5
SC	18,5	19,0	19,5	20,2	21,5	22,0
SP	18,5	18,5	18,5	19,0	19,5	20,0
OUTROS	16,0	16,5	16,5	16,5	16,5	16,5
<b>BRASIL</b>	<b>18,2</b>	<b>18,9</b>	<b>19,2</b>	<b>20,2</b>	<b>21,0</b>	<b>21,3</b>

**Tabela 5.** Abates na suinocultura industrial, em milhões de cabeças

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	0,91	1,10	1,19	1,33	1,44	1,46
MG	3,75	2,62	2,62	3,25	3,54	3,84
MS	0,83	0,83	0,85	0,91	0,92	0,94
MT	0,76	0,92	0,98	1,26	1,36	1,48
PR	5,40	5,17	4,59	4,78	4,98	5,13
RS	4,93	4,96	4,79	5,24	5,92	6,11
SC	7,74	7,16	7,07	7,35	8,25	8,47
SP	2,34	2,11	2,11	2,13	2,18	2,24
OUTROS	2,41	2,25	2,20	2,11	2,34	2,37
<b>BRASIL</b>	<b>29,06</b>	<b>27,13</b>	<b>26,40</b>	<b>28,36</b>	<b>30,93</b>	<b>32,03</b>

**Tabela 6.** Peso médio da carcaça na suinocultura industrial, em kg

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	76	79	79	82	82	84
MG	72	79	79	78	79	80
MS	74	79	79	79	80	82
MT	74	79	79	81	82	82
PR	80	79	81	82	81	82
RS	79	81	80	80	80	81
SC	80	80	82	83	84	84
SP	74	79	79	79	79	79
OUTROS	71	69	70	71	71	71
<b>BRASIL</b>	<b>77</b>	<b>78,7</b>	<b>80</b>	<b>80</b>	<b>81</b>	<b>81</b>

**Tabela 7.** Produção de carne suína na suinocultura industrial, em mil t equivalente carcaça

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	69,06	86,74	93,69	108,74	117,97	122,75
MG	269,72	207,32	207,32	251,78	279,83	307,22
MS	61,15	65,56	67,37	71,74	73,82	77,16
MT	56,23	72,98	77,13	102,26	111,46	121,13
PR	432,00	408,75	371,56	389,61	403,17	418,27
RS	387,40	402,08	383,29	416,74	473,70	494,86
SC	621,83	569,49	579,82	609,92	692,87	711,09
SP	173,45	166,65	166,65	168,11	172,54	176,96
OUTROS	170,87	154,91	154,25	150,00	166,07	168,11
<b>BRASIL</b>	<b>2.241,70</b>	<b>2.134,47</b>	<b>2.101,08</b>	<b>2.268,89</b>	<b>2.491,42</b>	<b>2.597,56</b>

**Tabela 8.** Alojamento de matrizes produtivas na suinocultura de subsistência, em cabeças

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	65.123	45.586	44.586	44.674	43.781	42.467
MG	108.335	65.001	52.001	46.401	42.449	39.139
MS	39.010	30.428	29.648	29.105	28.981	27.207
MT	84.130	76.304	62.939	59.792	56.802	53.962
PR	88.000	52.360	43.520	39.556	34.700	31.230
RS	62.500	45.000	44.302	35.500	30.775	26.159
SC	68.537	46.605	38.400	26.379	25.851	26.369
SP	33.865	25.339	20.319	19.303	18.338	17.971
OUTROS	714.559	644.694	639.106	636.199	635.199	628.109
<b>BRASIL</b>	<b>1.264.059</b>	<b>1.031.317</b>	<b>974.821</b>	<b>936.909</b>	<b>916.876</b>	<b>892.613</b>

**Tabela 9.** Produtividade das matrizes na suinocultura de subsistência, em terminados/porca/ano

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	10,0	12,0	12,1	12,0	12,0	12,1
MG	6,2	11,0	11,1	9,1	8,9	8,9
MS	10,1	11,8	11,0	9,3	9,7	9,5
MT	12,0	10,2	11,5	9,0	9,1	8,9
PR	9,3	12,0	15,9	15,9	15,9	15,9
RS	15,1	15,9	13,5	14,9	10,7	14,9
SC	11,9	16,0	10,4	22,0	17,9	18,0
SP	13,2	15,0	14,8	15,1	15,1	15,0
OUTROS	4,0	3,8	3,8	3,1	2,9	3,0
<b>BRASIL</b>	<b>6,8</b>	<b>7,1</b>	<b>6,7</b>	<b>6,1</b>	<b>5,6</b>	<b>5,7</b>

**Tabela 10.** Abates na suinocultura de subsistência, em milhões de cabeças

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	0,65	0,55	0,54	0,54	0,53	0,51
MG	0,67	0,72	0,58	0,42	0,38	0,35
MS	0,39	0,36	0,33	0,27	0,28	0,26
MT	1,01	0,78	0,72	0,54	0,51	0,48
PR	0,82	0,63	0,69	0,63	0,55	0,50
RS	0,94	0,72	0,60	0,53	0,33	0,39
SC	0,82	0,75	0,40	0,58	0,46	0,47
SP	0,45	0,38	0,30	0,29	0,28	0,27
OUTROS	2,84	2,46	2,42	1,94	1,84	1,86
<b>BRASIL</b>	<b>8,60</b>	<b>7,33</b>	<b>6,58</b>	<b>5,74</b>	<b>5,16</b>	<b>5,09</b>

**Tabela 11.** Peso médio da carcaça na suinocultura de subsistência, em kg

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	76	79	79	82	82	80
MG	72	79	79	77	80	81
MS	73	80	79	80	78	82
MT	74	79	79	81	81	82
PR	80	84	81	82	81	82
RS	79	62	80	80	79	81
SC	81	95	126	83	85	84
SP	74	79	80	78	79	79
OUTROS	67	71	70	68	68	68
<b>BRASIL</b>	<b>73</b>	<b>77</b>	<b>79</b>	<b>76</b>	<b>76</b>	<b>77</b>

**Tabela 12.** Produção de carne suína na suinocultura de subsistência, em mil t equivalente carcaça

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	50	43	42	44	43	41
MG	48	56	45	32	30	28
MS	29	29	26	22	22	21
MT	75	61	57	44	42	40
PR	65	53	56	52	45	41
RS	74	45	48	42	26	32
SC	66	71	50	48	39	40
SP	33	30	24	23	22	21
OUTROS	190	175	170	132	125	126
<b>BRASIL</b>	<b>630</b>	<b>563</b>	<b>519</b>	<b>439</b>	<b>393</b>	<b>390</b>

**Tabela 13.** Alojamento de matrizes produtivas na suinocultura total, em cabeças

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	110.560	95.493	98.493	103.610	106.329	106.003
MG	310.827	210.795	197.795	197.507	199.877	206.107
MS	82.501	71.919	72.289	72.346	72.922	72.013
MT	122.122	120.296	109.431	119.910	118.586	119.616
PR	388.000	324.676	272.879	272.752	271.717	269.936
RS	333.309	299.560	289.998	291.209	306.184	310.318
SC	487.120	423.624	401.016	390.160	409.500	411.157
SP	160.562	139.366	134.346	131.303	130.338	129.971
OUTROS	864.973	780.760	772.655	764.238	776.955	771.613
<b>BRASIL</b>	<b>2.859.974</b>	<b>2.466.489</b>	<b>2.348.902</b>	<b>2.343.035</b>	<b>2.392.408</b>	<b>2.396.734</b>

**Tabela 14.** Produtividade das matrizes na suinocultura total, em terminados/porca/ano

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	14,1	17,2	17,5	18,0	18,5	18,6
MG	14,2	15,8	16,2	18,6	19,6	20,3
MS	14,8	16,5	16,3	16,3	16,5	16,7
MT	14,5	14,1	15,5	15,0	15,8	16,4
PR	16,0	17,9	19,3	19,8	20,4	20,9
RS	17,6	19,0	18,6	19,8	20,4	20,9
SC	17,6	18,7	18,6	20,3	21,3	21,7
SP	17,4	17,9	17,9	18,4	18,9	19,3
OUTROS	6,1	6,0	6,0	5,3	5,4	5,5
<b>BRASIL</b>	<b>13,2</b>	<b>14,0</b>	<b>14,0</b>	<b>14,6</b>	<b>15,1</b>	<b>15,5</b>

**Tabela 15.** Abates na suinocultura total, em milhões de cabeças

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	1,56	1,64	1,72	1,86	1,96	1,97
MG	4,42	3,34	3,20	3,67	3,92	4,19
MS	1,22	1,19	1,18	1,18	1,20	1,20
MT	1,77	1,70	1,70	1,80	1,87	1,96
PR	6,22	5,80	5,28	5,41	5,53	5,63
RS	5,87	5,68	5,39	5,77	6,25	6,50
SC	8,56	7,91	7,47	7,93	8,71	8,94
SP	2,79	2,49	2,41	2,42	2,46	2,51
OUTROS	5,25	4,70	4,62	4,05	4,18	4,22
<b>BRASIL</b>	<b>37,66</b>	<b>34,46</b>	<b>32,98</b>	<b>34,10</b>	<b>36,09</b>	<b>37,13</b>

**Tabela 16.** Peso médio da carcaça na suinocultura total, em kg

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	76	79	79	82	82	83
MG	72	79	79	77	79	80
MS	74	79	79	79	80	82
MT	74	79	79	81	82	82
PR	80	80	81	82	81	82
RS	79	79	80	80	80	81
SC	80	81	84	83	84	84
SP	74	79	79	79	79	79
OUTROS	69	70	70	70	70	70
<b>BRASIL</b>	<b>76</b>	<b>78,3</b>	<b>79</b>	<b>79</b>	<b>80</b>	<b>80</b>

**Tabela 17.** Produção de carne suína na suinocultura total, em mil t equivalente carcaça

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007
GO	118,60	130,00	135,96	152,70	161,05	163,59
MG	318,10	263,80	252,51	284,15	310,01	335,40
MS	90,00	94,40	93,14	93,58	95,85	98,35
MT	130,90	134,10	134,31	145,85	153,38	160,96
PR	497,30	461,30	427,96	441,19	448,14	459,00
RS	461,70	446,80	431,04	459,08	499,62	526,65
SC	687,90	640,60	630,20	658,38	731,96	750,96
SP	206,40	196,70	190,73	190,99	194,27	198,26
OUTROS	361,20	329,50	324,10	281,98	290,62	294,24
<b>BRASIL</b>	<b>2.872,10</b>	<b>2.697,20</b>	<b>2.619,99</b>	<b>2.707,90</b>	<b>2.884,90</b>	<b>2.987,41</b>

Na Tabela 18 a seguir apresenta-se a participação da suinocultura industrial no total da suinocultura brasileira, e nas Tabelas 19 a 23 apresenta-se as taxas de crescimento das variáveis analisadas.

**Tabela 18.** Participação da suinocultura industrial no total, ano de 2005

UF	Matrizes	Abates	Produção
GO	57%	71%	71%
MG	77%	89%	89%
MS	60%	77%	77%
MT	50%	70%	70%
PR	85%	88%	88%
RS	88%	91%	91%
SC	93%	93%	93%
SP	85%	88%	88%
OUTROS	17%	52%	53%
<b>BRASIL</b>	<b>60%</b>	<b>83%</b>	<b>84%</b>

**Tabela 19.** Taxa de crescimento no alojamento de matrizes produtivas

UF	Industrial			Subsistência			Total		
	2005	2006	2007	2005	2006	2007	2005	2006	2007
GO	9,3%	6,1%	1,6%	0,2%	-2,0%	-3,0%	5,2%	2,6%	-0,3%
MG	3,6%	4,2%	6,1%	-10,8%	-8,5%	-7,8%	-0,1%	1,2%	3,1%
MS	1,4%	1,6%	2,0%	-1,8%	-0,4%	-6,1%	0,1%	0,8%	-1,2%
MT	29,3%	2,8%	6,3%	-5,0%	-5,0%	-5,0%	9,6%	-1,1%	0,9%
PR	1,7%	1,6%	0,7%	-9,1%	-12,3%	-10,0%	0,0%	-0,4%	-0,7%
RS	4,1%	7,7%	3,2%	-19,9%	-13,3%	-15,0%	0,4%	5,1%	1,4%
SC	0,3%	5,5%	0,3%	-31,3%	-2,0%	2,0%	-2,7%	5,0%	0,4%
SP	-1,8%	0,0%	0,0%	-5,0%	-5,0%	-2,0%	-2,3%	-0,7%	-0,3%
OUTROS	-4,1%	10,7%	1,2%	-0,5%	-0,2%	-1,1%	-1,1%	1,7%	-0,7%
<b>BRASIL</b>	<b>2,3%</b>	<b>4,9%</b>	<b>1,9%</b>	<b>-3,9%</b>	<b>-2,1%</b>	<b>-2,6%</b>	<b>-0,2%</b>	<b>2,1%</b>	<b>0,2%</b>

**Tabela 20.** Taxa de crescimento na produtividade das matrizes

UF	Industrial			Subsistência			Total		
	2005	2006	2007	2005	2006	2007	2005	2006	2007
GO	2,3%	2,2%	0,0%	-0,2%	-0,3%	0,6%	2,8%	2,7%	0,8%
MG	19,4%	4,7%	2,2%	-18,0%	-1,9%	0,4%	14,9%	5,5%	3,7%
MS	5,0%	0,0%	0,0%	-15,3%	3,9%	-1,9%	-0,1%	1,2%	0,9%
MT	0,0%	4,8%	2,3%	-21,8%	0,8%	-1,3%	-3,4%	5,3%	3,7%
PR	2,5%	2,4%	2,4%	0,0%	0,1%	0,1%	2,5%	2,6%	2,5%
RS	5,1%	4,9%	0,0%	10,0%	-28,2%	39,8%	6,6%	3,0%	2,6%
SC	3,6%	6,4%	2,3%	112,2%	-19,0%	0,8%	9,1%	4,6%	2,2%
SP	2,7%	2,6%	2,6%	2,3%	-0,5%	-0,2%	2,7%	2,4%	2,3%
OUTROS	0,0%	0,0%	0,0%	-19,4%	-5,0%	2,0%	-11,4%	1,4%	1,8%
<b>BRASIL</b>	<b>5,0%</b>	<b>4,0%</b>	<b>1,6%</b>	<b>-9,2%</b>	<b>-8,2%</b>	<b>1,4%</b>	<b>3,7%</b>	<b>3,7%</b>	<b>2,7%</b>

**Tabela 21.** Taxa de crescimento nos abates

UF	Industrial			Subsistência			Total		
	2005	2006	2007	2005	2006	2007	2005	2006	2007
GO	11,8%	8,5%	1,6%	0,0%	-2,3%	-2,4%	8,1%	5,4%	0,5%
MG	23,8%	9,0%	8,4%	-26,8%	-10,3%	-7,4%	14,7%	6,8%	6,9%
MS	6,5%	1,6%	2,0%	-16,9%	3,4%	-7,9%	0,0%	2,0%	-0,3%
MT	29,3%	7,7%	8,7%	-25,7%	-4,2%	-6,2%	5,9%	4,1%	4,6%
PR	4,2%	4,1%	3,1%	-9,1%	-12,2%	-9,9%	2,5%	2,2%	1,8%
RS	9,4%	13,0%	3,2%	-11,8%	-37,7%	18,8%	7,1%	8,3%	4,0%
SC	3,9%	12,2%	2,6%	45,8%	-20,6%	2,8%	6,2%	9,8%	2,6%
SP	0,9%	2,6%	2,6%	-2,8%	-5,5%	-2,2%	0,4%	1,7%	2,0%
OUTROS	-4,1%	10,7%	1,2%	-19,8%	-5,2%	0,8%	-12,3%	3,1%	1,1%
<b>BRASIL</b>	<b>7,4%</b>	<b>9,1%</b>	<b>3,6%</b>	<b>-12,7%</b>	<b>-10,1%</b>	<b>-1,3%</b>	<b>3,4%</b>	<b>5,8%</b>	<b>2,9%</b>

**Tabela 22.** Taxa de crescimento no peso médio da carcaça

UF	Industrial			Subsistência			Total		
	2005	2006	2007	2005	2006	2007	2005	2006	2007
GO	3,8%	0,0%	2,4%	4,0%	0,3%	-2,9%	3,9%	0,1%	1,1%
MG	-1,9%	1,9%	1,3%	-2,1%	3,9%	0,9%	-1,9%	2,1%	1,2%
MS	0,0%	1,3%	2,5%	2,0%	-2,5%	4,4%	0,5%	0,4%	3,0%
MT	2,5%	1,2%	0,0%	2,6%	0,4%	1,3%	2,6%	1,0%	0,3%
PR	0,6%	-0,6%	0,6%	0,6%	-0,7%	0,5%	0,6%	-0,6%	0,6%
RS	-0,6%	0,6%	1,3%	0,6%	-1,7%	3,2%	-0,5%	0,5%	1,4%
SC	1,2%	1,2%	0,0%	-34,0%	1,6%	-0,8%	-1,6%	1,2%	0,0%
SP	0,0%	0,0%	0,0%	-2,2%	0,5%	0,2%	-0,3%	0,1%	0,0%
OUTROS	1,4%	0,0%	0,0%	-3,1%	-0,5%	0,4%	-0,8%	0,0%	0,2%
<b>BRASIL</b>	<b>0,5%</b>	<b>0,7%</b>	<b>0,7%</b>	<b>-3,1%</b>	<b>-0,3%</b>	<b>0,4%</b>	<b>0,0%</b>	<b>0,7%</b>	<b>0,7%</b>

**Tabela 23.** Taxa de crescimento na produção de carne suína

UF	Industrial			Subsistência			Total		
	2005	2006	2007	2005	2006	2007	2005	2006	2007
GO	16,1%	8,5%	4,1%	4,0%	-2,0%	-5,2%	12,3%	5,5%	1,6%
MG	21,4%	11,1%	9,8%	-28,4%	-6,8%	-6,6%	12,5%	9,1%	8,2%
MS	6,5%	2,9%	4,5%	-15,2%	0,9%	-3,8%	0,5%	2,4%	2,6%
MT	32,6%	9,0%	8,7%	-23,8%	-3,8%	-5,0%	8,6%	5,2%	4,9%
PR	4,9%	3,5%	3,7%	-8,6%	-12,8%	-9,4%	3,1%	1,6%	2,4%
RS	8,7%	13,7%	4,5%	-11,3%	-38,8%	22,7%	6,5%	8,8%	5,4%
SC	5,2%	13,6%	2,6%	-3,8%	-19,3%	2,0%	4,5%	11,2%	2,6%
SP	0,9%	2,6%	2,6%	-5,0%	-5,0%	-2,0%	0,1%	1,7%	2,1%
OUTROS	-2,8%	10,7%	1,2%	-22,3%	-5,6%	1,3%	-13,0%	3,1%	1,2%
<b>BRASIL</b>	<b>8,0%</b>	<b>9,8%</b>	<b>4,3%</b>	<b>-15,4%</b>	<b>-10,4%</b>	<b>-0,9%</b>	<b>3,4%</b>	<b>6,5%</b>	<b>3,6%</b>

## 9. Confronto dos dados obtidos com as estatísticas oficiais

É importante confrontar estes resultados com as estatísticas oficiais disponíveis. Nesse sentido há duas fontes de dados, a dos abates sob inspeção federal (SIF) mantida pelo Mapa mas com acompanhamento próprio pela Abipecs, bem como a dos abates sob inspeção federal, estadual ou municipal levantados pela Pesquisa Trimestral de Abate de Animais (PTAA) do IBGE. Tendo em vista que há alta correlação entre os dados dessas fontes para as principais UFs produtoras e para o Brasil, com diferenças não significativas exceto em MG, acredita-se que para a comparação aqui proposta é possível utilizar qualquer uma dessas duas fontes. Optou-se pela PTAA do IBGE porque também fornece estatísticas de peso total de abate. O detalhamento desta análise é apresentado no Anexo II. Optou-se por confrontar apenas as estimativas referentes à suinocultura industrial tendo em vista a metodologia aqui proposta, que é menos precisa no que se refere às estimativas para a suinocultura de subsistência.

Na Tabela 24 apresenta-se as diferenças entre as estimativas da metodologia para a suinocultura industrial e as estatísticas oficiais dos abates inspecionados. Essas diferenças são relativamente pequenas em UFs com elevada participação de abates SIF e da estrutura de integração, como é o caso de SC e RS. Entretanto, os dados para o estado do PR, que tem as mesmas características das demais UFs da região Sul, apontam para uma expressiva diferença tanto em termos relativos quanto absolutos. Em termos absolutos também chama a atenção as discrepâncias entre os dados para o estado de SP e para a agregação OUTROS (que reúne as demais UFs não discriminadas pela metodologia aqui proposta).

**TABELA 24.** Comparativo entre as estimativas da metodologia para a suinocultura industrial e as estatísticas da PTAA-IBGE

UF	Abates (mil cab.)		Peso médio (kg)		Volume (mil t)	
	totais	%	totais	%	totais	%
GO	104	11%	-30	-28%	-20.367	-20%
MG	851	40%	-9	-10%	44.658	25%
MS	-4	2%	-8	-10%	-7.271	-8%
MT	419	108%	-4	-5%	30.330	97%
PR	1.383	38%	-14	-15%	59.550	17%
RS	50	1%	2	2%	11.786	3%
SC	-36	0%	-6	-6%	-43.251	-7%
SP	934	75%	1	1%	73.125	77%
OUTROS	1.662	267%	9	14%	121.770	319%
<b>BRASIL</b>	<b>5.364</b>	<b>24%</b>	<b>-7</b>	<b>-8%</b>	<b>270.329</b>	<b>14%</b>

Fonte: IBGE, SIF/Abipecs e Metodologia Abipecs-Embrapa

## 10. Considerações para os anos de 2006 e 2007

Os alojamentos de matrizes mantiveram a tendência de crescimento nas integrações, nas cooperativas e, em menor medida no mercado *spot*<sup>27</sup>, sendo que a retração dos investimentos fora das integrações e no MT foram os principais fatores de uma expansão menor do que a esperada. Também contribuiu para esse panorama a continuidade do encolhimento do rebanho de subsistência. Apesar disso, a produção deve crescer substancialmente por conta do aumento de até 5,0% na produtividade. Os alojamentos que determinarão a produção de 2007 ainda estão acontecendo, em razão disso, os números relativos a este ano devem ser revistos para mais, sobretudo, no Centro-Oeste. Estima-se que o plantel de matrizes industriais é administrado por aproximadamente 30,1 mil criadores, dos quais 87,6 % estão ligados a uma integração ou cooperativa. Os restantes 12,4% produzem para o mercado *spot*.

Os alojamentos de matrizes industriais mantiveram a trajetória de expansão, devendo crescer 4,9% em 2006 e 1,9% em 2007. Os números relativos a 2007 também devem ser avaliados para cima, principalmente pelo avanço que ocorrerá na produção contratual (integrações e cooperativas), com novos projetos que são esperados para entrar em operação naquele ano. A oferta de reprodutores inferior à demanda, a seca na região Sul, a redução dos recursos próprios dos produtores no Centro-Oeste e a queda nos preços do suíno vivo foram os principais fatores que restringiram uma expansão maior dos alojamentos, sobretudo, no mercado *spot*.

Os plantéis de matrizes de subsistência estão em processo de encolhimento. Neste sistema de produção deverá continuar uma redução entre 5% e 10% ao ano, dependendo da região do País. Enquanto que em 2002 representava

<sup>27</sup> Suinocultura industrial cujo vínculo com a agroindústria processadora não se dá através de contratos ou esquemas de fomento pecuário.

33,2% da produção nacional, estima-se que em 2007 não representará mais do que 18% do total produzido. No Sul e no Sudeste há uma redução mais acentuada, enquanto que nas demais regiões ainda terá significativa importância. A dificuldade de suprimento de insumos e de reprodutores, a baixa produtividade, os custos mais altos e a escala sem competitividade são as variáveis que explicam o gradual desaparecimento deste sistema de produção.

Estima-se que em 2005 o crescimento da produção nacional de carne suína foi de 3,4%, alcançando pouco mais de 2,7 milhões de toneladas. A expansão foi bem menor do que a esperada, sobretudo em função da contínua queda nos sistemas de subsistência e do modesto crescimento fora da produção contratual. Além disso, e embora o alojamento de matrizes nas integrações tenha sido significativo, foram determinantes para esta expansão mais modesta a produtividade e o peso médio de abate nos estados de MG, RS e SP. Por fim, a revisão das estimativas da produção no PR teve reflexos nos números de 2005. Para os anos de 2006 e 2007, no entanto, o amadurecimento dos investimentos feitos em 2005, a implantação de novos projetos e os custos mais baixos determinarão aumentos significativos da produção, que deve se aproximar dos 2,9 e 3,0 milhões de toneladas, respectivamente.

Por conta do volume crescente das exportações, a disponibilidade interna de carne suína vem caindo substancialmente desde 2002. Como não houve internamente uma disparada dos preços acredita-se que o consumo também esteja em queda. Nos anos recentes, a disponibilidade interna caiu de 13,4 kg para 10,8 kg per capita/ano. Dentre muitas causas, destacam-se o pouco interesse dos consumidores e a forte concorrência das carnes de frango e de boi, cujas produções também estão expandindo. Para 2006 e 2007, não há sinais de mudança significativa nesse panorama, seja no comportamento dos consumidores, seja nas perspectivas econômicas do país. Em razão disso, e tomando como referência um consumo de 11,0 kg per capita/ano, projeta-se uma demanda para os próximos dois anos entre 2,02 e 2,05 milhões de toneladas, com o consumo interno mantendo a sua tendência histórica de crescer vegetativamente.

O consumo interno estável e a produção em forte expansão levarão a um aumento significativo dos excedentes internos. Em um cenário de manutenção dos volumes exportados, os excedentes em 2006 serão em torno de 3,9% da produção (113 mil toneladas) e, em 2007, de 6,5 % da produção (189 mil toneladas). Como a produção dos próximos dois anos tende ser maior do que o estimado atualmente, os excedentes tendem a ser mais significativos. Na hipótese das exportações crescerem 15,1% e 8,8% em 2006 e 2007, respectivamente, poderá haver um relativo equilíbrio na oferta e demanda à semelhança de 2005. Outra hipótese seria o aumento do consumo para 11,5 kg per capita/ano, o que levaria, também, a um relativo equilíbrio entre oferta e demanda.

A produção nacional está crescendo de forma consistente no RS, SC, MG, MT e GO. A exceção do MT, nos demais estados a produção está aumentando nas integrações e nas cooperativas. Nos estados sulinos, em 2005, houve apenas ocupação de capacidade ociosa, reformas de instalações e poucos investimentos. Este comportamento em parte foi observado em MG e no MT. Para os próximos dois anos, novos investimentos e ampliações de granjas e da capacidade de abate e de industrialização são esperados, fortalecendo as expectativas de aumentos consideráveis da produção tanto no Sul como no MT, GO e MG.

No período estudado, os menores desempenhos são esperados para o PR, SP e MS. No PR, houve a necessidade de ajustar os dados para a realidade do mercado local. Uma pesquisa realizada por uma empresa de nutrição, identificou que o número de matrizes alojadas é bem inferior aos dados anteriormente estimados. Este cadastro dos criadores que participam do mercado *spot*, identificou que no PR, em 2005, havia 42,9 mil matrizes a menos do que o estimado em 2004. A pesquisa também indicou que as expectativas de crescimento da produção local são modestas para os próximos dois anos. Intenções modestas de crescimento da produção, também foram registradas no MS e em SP. Os principais atores destes estados não acreditam em aumentos da produção local, os cenários apontados são entre estabilidade ou moderado crescimento.

## 11. Bibliografia

ABIPECS - Associação Brasileira de Indústrias Processadoras e Exportadoras de Carne Suína. Relatório Anual 2004. Disponível em <http://www.Abipecs.com.br>. Acesso em 08/06/2005.

ABIPECS - Associação Brasileira de Indústrias Processadoras e Exportadoras de Carne Suína. Informe Carne Suína Brasileira. Ano 1, Edição 02, de 04/07/2005.

EMBRAPA. Plano Diretor da Unidade: 2004-2007. Concórdia, SC : Embrapa Suínos e Aves, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Agropecuário. Rio de Janeiro: IBGE, 1995.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisas Agropecuárias. Série Relatórios Metodológicos. Volume 6, 2 edição. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

WRIGHT, James; GIOVINAZZO, Renata. Delphi – Uma ferramenta de apoio ao planejamento prospectivo. Caderno de Pesquisa em Administração. FIA/FEA/USP: São Paulo, v. 01, n. 12, 2º trimestre 2000, p. 54-65.

## ANEXO I

### Questionário para as empresas associadas à Abipecs<sup>28</sup>

#### MANUAL DE PREENCHIMENTO

1. **EMPRESA:** Razão social
2. **UNIDADE:** Planta industrial
3. **MATRIZES EM PRODUÇÃO:** São as matrizes já fertilizadas e/ou amamentando
4. **MATRIZES ALOJADAS:** Refere-se a soma das matrizes em produção mais as que estão a espera de ser fertilizadas
5. **PREVISÃO DE ALOJAMENTO DE MATRIZES:** Fêmeas a serem alojadas no mês seguinte, exceto a reposição normal do plantel
6. **SUÍNOS ABATIDOS:** Total de suínos abatidos no mês
7. **PREVISÃO DE ABATE PARA O MÊS SEGUINTE:** Previsão de abate para o mês seguinte
8. **PESO DAS CARCAÇAS:** Peso médio das carcaças dos suínos abatidos no mês
9. **INTEGRADORAS:** Empresas e/ou cooperativas que administram sistemas integrados de produção de suínos, sócias ou não sócias dos Sindicatos
10. **OUTROS TIPOS DE CONTRATO:** De produção, gerenciado pelo produtor, cuja a produção ou parte dela é contratada por um abatedouro.
11. **COOPERATIVAS:** De produção de suínos, que não possuem estrutura de abate, mas que fornecem para integradoras e ou cooperativas de abate
12. **MERCADO SPOT:** Produtores médios e grandes que gerenciam sua comercialização. Responde apenas quem não tem integração, exceto a parcela que as integradoras comprem para suprir suas necessidades de abate
13. **TOTAL:** Refere-se a soma de todos dos dados relativos ao abate e ao alojamento, exceto aqueles que serão ponderados
14. **SISTEMA DE PRODUÇÃO:** É a modalidade. Ex. criação de leitões, ciclo completo, produção própria, etc...
  - a) **Produção própria:** Compreende a produção própria e a produção de matrizes em comodato
  - b) **Nº de produtores:** É o nº de integrados ou associados por sistema de produção
  - c) **Produtor de leitão:** Todos produtores que criam e vendem os animais para terminadores (empresa ou integrados à Empresa)
  - d) **Terminadores:** Produtores que fazem exclusivamente a terminação de leitões
  - e) **Parceria:** Produtores que terminam ( engordam ) recebendo os leitões e rações das empresas
  - f) **Ciclo completo:** Produtores que criam e engordam na propriedade, com gerenciamento próprio
  - f) **Granja de reprodutores:** Nº de produtores, ( granjas próprias / integrados ) animais alojados e nº de suínos abatidos

<sup>28</sup> Na região Sul a obtenção destas informações deverá ser realizada em conjunto com os três sindicatos das indústrias a fim de evitar duplicação de esforços.

**NOTAS E EXCEÇÕES:**

1. Não haverá uma totalização para os abatidos por matriz e para o peso médio das carcaças, mas, sim, uma média ponderada pela participação nos abates
2. O formulário deve ser respondido por empresa e por unidade industrial
3. O formulário devidamente respondido deve ser encaminhado ao Sindicarne e à Abipecs até o 5º dia útil do mês.

**ACOMPANHAMENTO DA EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO NACIONAL DE SUÍNOS**

ANO:  MÊS:   
 EMPRESA:  UNIDADE:  ESTADO

SISTEMA	GRANJAS (Nº)	MATRIZES			ANIMAIS ABATIDOS (Nº)			
		EM PRODUÇÃO (Nº)	ALOJADAS (Nº)	PREVISÃO DE ALOJAMENTO (Nº)	NO MÊS	PREVISÃO P/MÊS SEGUINTE	ABATIDOS POR MATRIZ	PESO DAS CARÇAÇAS (kg)
<b>INTEGRAÇÃO</b>								
Produção Própria								
Produtores de Leitões								
Terminadores								
Parceria								
Ciclo Completo								
Granjas de Reprodutores								
Mercado Spot (terceiros)								
<b>SUB TOTAL</b>								
<b>OUTROS TIPOS DE CONTRATOS</b>								
Produtores de Leitões								
Terminadores								
Parceria								
Ciclo Completo								
Granjas de Reprodutores								
<b>SUB TOTAL</b>								
<b>COOPERATIVAS</b>								
Produtores de Leitões								
Terminadores								
Parceria								
Ciclo Completo								
Granjas de Reprodutores								
<b>SUB TOTAL</b>								
<b>MERCADO SPOT (responde quem não tem integração)</b>								
Produtores de Leitões								
Terminadores								
Parceria								
Ciclo Completo								
Granjas de Reprodutores								
<b>SUB TOTAL</b>								
<b>TOTAL</b>								
Produção Própria								
Produtores de Leitões								
Terminadores								
Parceria								
Ciclo Completo								
Granjas de Reprodutores								
Mercado Spot								
<b>TOTAL</b>								

## ANEXO II

### Fontes oficiais de abate e produção de carne suína no Brasil

**Tabela 25.** Abates, em cabeças

UF	2000	2001	2002	2003	2004	2005**
GO	95.803	496.766	799.931	996.294	1.084.675	1.073.002
MG	1.340.100	1.794.004	2.086.738	2.185.109	2.168.359	2.147.362
MS	703.378	827.335	990.055	836.778	695.111	718.036
MT	245.746	176.890	272.932	468.216	660.725	771.736
PR	2.715.706	2.935.665	3.602.049	3.859.905	3.549.794	3.523.812
RS	3.748.788	4.238.658	5.026.155	4.786.644	4.720.668	4.897.512
SC	6.243.276	6.783.508	7.623.888	7.514.943	6.946.622	7.278.628
SP	906.414	966.884	1.253.472	1.299.879	1.207.725	1.294.812
OUTROS	528.802	680.800	673.331	606.527	589.008	638.330
<b>BRASIL</b>	<b>16.528.013</b>	<b>18.900.510</b>	<b>22.328.551</b>	<b>22.554.295</b>	<b>21.622.687</b>	<b>22.343.230</b>

Fonte: IBGE, Pesquisa Trimestral de Abate de Animais - Resultados Mensais

\* Os dados divulgados pelo IBGE são oriundos de estabelecimentos que estão sob inspeção sanitária federal, estadual ou municipal.

\*\* Estimativa com base nos resultados do primeiro semestre.

**Tabela 26.** Produção de carne suína, em t equivalente carcaça

UF	2000	2001	2002	2003	2004	2005**
GO	6.662	49.725	86.893	107.497	116.204	118.601
MG	114.267	150.775	177.254	185.233	187.896	193.315
MS	59.160	71.280	85.011	71.779	59.100	63.226
MT	19.282	13.767	21.368	39.006	54.979	66.259
PR	235.315	263.451	333.951	359.139	340.568	349.041
RS	291.863	343.729	397.481	376.666	363.257	408.403
SC	521.141	583.432	645.000	643.815	612.073	707.951
SP	67.617	70.290	92.631	97.651	97.092	104.385
OUTROS	33.216	41.655	41.547	36.728	36.444	40.500
<b>BRASIL</b>	<b>1.348.522</b>	<b>1.588.103</b>	<b>1.881.136</b>	<b>1.917.515</b>	<b>1.867.614</b>	<b>2.051.680</b>

Fonte: IBGE, Pesquisa Trimestral de Abate de Animais - Resultados Mensais

\* Os dados divulgados pelo IBGE são oriundos de estabelecimentos que estão sob inspeção sanitária federal, estadual ou municipal.

\*\* Estimativa com base nos resultados do primeiro semestre.

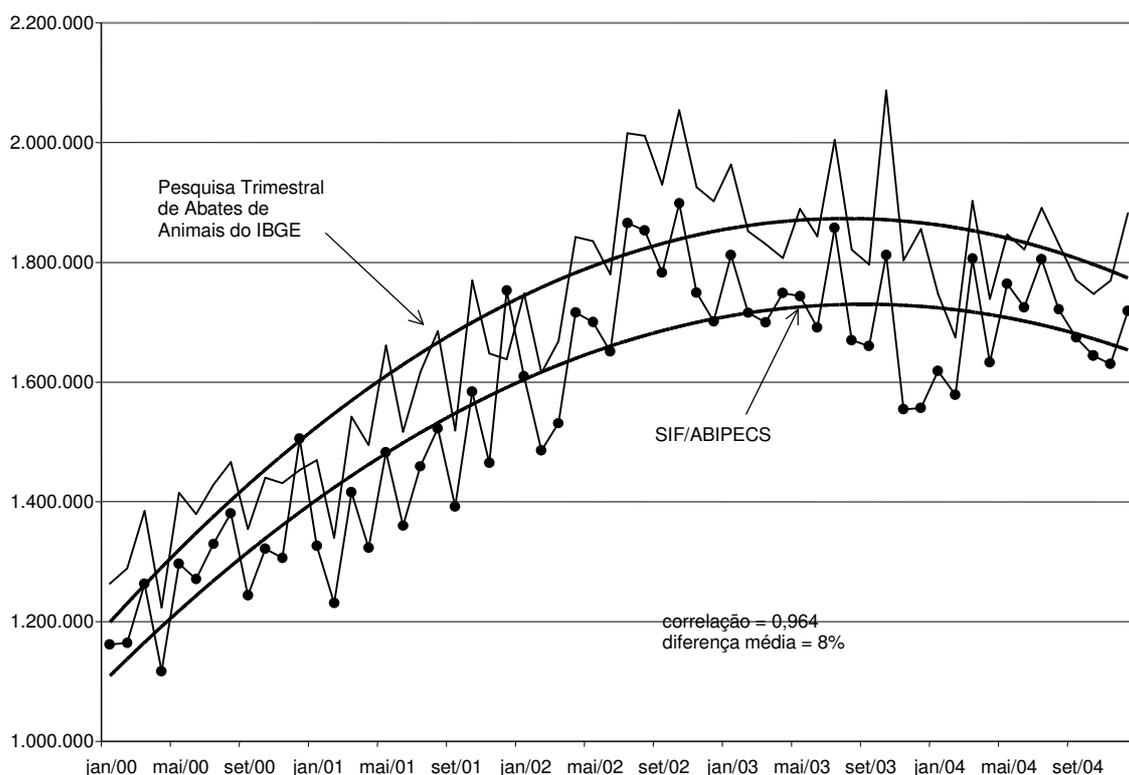
**Tabela 27.** Abates SIF, em cabeças

UF	2000	2001	2002	2003	2004
GO	78.016	526.198	716.378	917.474	1.003.744
MG	1.288.473	1.484.659	1.847.683	1.850.434	1.875.921
MS	677.173	759.396	980.529	819.784	760.478
MT	236.363	232.370	272.051	421.501	554.711
PR	2.571.960	2.788.518	3.469.781	3.772.834	3.425.012
RS	3.618.812	4.005.638	4.754.889	4.525.847	4.508.309
SC	5.974.445	6.391.067	7.162.250	6.867.722	6.757.666
SP	914.786	1.010.473	1.224.802	1.278.408	1.331.249
OUTROS	0	115.876	115.649	67.163	102.002
<b>BRASIL</b>	<b>15.360.028</b>	<b>17.314.195</b>	<b>20.544.012</b>	<b>20.521.167</b>	<b>20.319.092</b>

Fonte: Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína - Abipecs

**Tabela 28.** Correlação e diferença média entre as estatísticas dos abates SIF e da Pesquisa Trimestral de Abate de Animais do IBGE

UF	Diferença média mensal	Correlação	Período
GO	4%	0,990	de jan/00 a dez/04
MG	15%	0,912	de jan/00 a dez/04
MS	2%	0,885	de jan/00 a dez/04
PR	4%	0,995	de jan/97 a mar/05
RS	3%	0,986	de jan/97 a mar/05
SC	5%	0,923	de jan/97 a mar/05
SP	-2%	0,925	de jan/00 a dez/04
<b>BRASIL</b>	<b>8%</b>	<b>0,964</b>	<b>de jan/00 a dez/04</b>



**Fonte:** IBGE, Pesquisa Trimestral de Abate de Animais e Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína.

**Fig. 1.** Série histórica dos abates a partir das estatísticas dos abates SIF e da Pesquisa Trimestral de Abate de Animais do IBGE, com linhas de tendência plinomiais.



**Ministério da Agricultura,  
Pecuária e Abastecimento**

